

O CORPO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE FALA E GESTO

Prof. Dr. Patrik Vezali (UNICAMP; UGF)

Resumo:

Nas últimas décadas, algumas pesquisas têm reforçado a ideia de não dicotomia entre recursos multimodais e espacialidade entre fala e gesto. Tendo-se, então, mecanismos metodológicos de inclusão do material gestual na análise da interação, podemos considerar qualitativamente os recursos não verbais convocados na referenciação e, por conseguinte, delimitar os possíveis contornos corporais da linguagem e da cognição. Dessa forma, neste artigo apresentaremos algumas considerações acerca da relação entre fala e gesto, retomando a ontologia merleau-pontyana para o corpo, refletindo sobre a noção de multimodalidade e apresentando a tipologia gestual proposta por McNeill (1992).

Palavras-chave: Corporeidade; Gestualidade; Merleau-Ponty; Interação Social.

Introdução

Explicações sobre a complexidade do corpo inserido no mundo, a intersubjetividade emergente nas interações, a constatação de que a categorização e a interpretação do mundo – “construção de objetos de discurso” (Marcuschi, 2007; Mondada e Dubois, 2003) – admitem que a língua encontra-se, de algum modo, enraizada no corpo como prática sócio-cognitiva. As teorias da percepção e das relações entre o sensório e o motor estão sempre indicando a relevância do corpo “como um todo” nos processos de significação e de comunicação.

O gesto também é realizado por meio de um movimento do corpo, especialmente da cabeça e dos braços. Entretanto, ele constitui-se enquanto semiologia devido a inúmeros fatores, como, por exemplo, articular-se em formas fixas vinculadas a um sentido, exprimir ideias, apresentar estruturação gramatical em línguas de sinais, realizar descrições pantomímicas, etc.

Todavia, a concepção de que os recursos semiológicos e outros não referenciais atuam de maneira constitutiva na referenciação (construção de referências no mundo) não é gratuita e depende do grau de atenção dos interactantes. Dessa forma, é possível que as modalidades (maneiras de expressar-se – gestos, língua, imagens, expressões faciais, etc.) constituam conjugações entre si, estabelecendo um sentido próprio, bem como podem apresentar sentidos

independentemente de outro sistema, ou constituírem sincronias em que os significados são idênticos, mas expressos na junção dos modos em questão.

A conceptualização desenvolvida por Norris (2006) é interessante na medida em que, mesmo estabelecendo uma visão positiva em relação ao linguístico e o extralinguístico, nos possibilita analisar o grau de atenção dos interactantes. A densidade modal é considerada uma ação de alto nível porque estabelece o grau de atenção de um interactante para os modos que vão emergindo na interação. A atenção contínua, por sua vez, tem um pano de fundo que é um *framework*; as duas últimas noções são correlatas.

Através do conceito de “interação compartilhada” (*multiparty interaction*) de Norris (2006), podemos perceber que a construção de um objeto de discurso em uma interação, segundo a autora, pode englobar graus diferentes de atenção dos interactantes devido aos seus engajamentos em determinados enquadres comunicativos que podem ocorrer sincronicamente. Sua análise é centrada na multimodalidade da interação, que é baseada em três noções: i) ação mediada; ii) densidade modal; iii) pano de fundo contínuo da atenção/sensibilidade. Sua ideia principal é a de que um interactante em interação constrói, simultaneamente, várias ações com os vários participantes, mas com níveis diferentes de atenção.

Para construir sua análise, Norris (2006, p. 402), define modo comunicativo como um sistema de regras e regularidades. Nesse sentido, a fala, a gestualidade, o olhar e a escrita seriam modalidades. Os graus de atenção dos participantes aos diferentes modos figurados no *framework* constituiriam as partes da interação. A noção de ação mediada considera que falar uma língua constitui uma ação social, o que é semelhante às argumentações de Hanks (2008), mas estabelece e distingue ações de nível inferior na interação, como a dicção e a gestualidade.

Nesse arcabouço teórico, a linguagem verbal não seria o modo dominante por não ser a única linguagem que tem a função de estruturar a interação, mas se constitui em um sistema simbólico construído socioculturalmente, que faz as ligações dos sentidos locais às práticas sociais. A “(...) língua não é sempre o modo dominante e não necessariamente tem uma função de estruturação na interação. Em teoria, todos os modos são semelhantes (...)” (NORRIS, 2006, p. 403). A autora propõe, também, que o modo da linguagem falada é interligado, de forma complexa, a outros modos, como a escrita, o olhar, os movimentos das mãos, a postura no mundo.

A multimodalidade, portanto, configura-se como um preenchimento dos pressupostos do esquema linguístico com signos não verbais. Nesse esquema de mútua constitutividade para a formação da semântica corporal, percebemos que a “dêixis cultural e implícita” (cf. Ruthrof, 2000) desempenha um papel fundamental na constituição de nossas significações, tanto que o corpo sócio-histórico e cultural é inserido (incorporado) nos esquemas linguísticos por meio de percepções diferentes do mundo.

A concepção segundo a qual o gesto é aliado à fala é antiga e remonta à própria história da evolução humana (cf. Tomasello, 2008, p. 9-10). Os estudos

sobre a gestualidade, abrangendo a relação de codependência semântica com a fala, constituem-se num elemento inovador, tornando-se um tema de pesquisa instigante e levando-nos à busca de alternativas para esclarecer a relação entre fala e gesto.

McNeill (1992, 2000) analisa também essas questões e chama a atenção, em especial, para os gestos que são produzidos durante a fala – aqueles que estão frequente e estritamente ligados às mensagens comunicativas dos falantes. Essas criações, espontâneas e individuais, são semântico-pragmaticamente coexpressivas e compõem uma unidade inseparável que tem por base um processo cognitivo comum. O autor cita o trabalho de Adam Kendon, considerado um dos grandes pesquisadores da gestualidade, por investigar diferentes aspectos dos gestos, como o seu papel em uma comunicação e sua integração ao discurso, traçando considerações interessantes para a relação fala e gesto.

Destacamos, dentre os estudos etnometodológicos, os trabalhos de Mondada (2005; 2006; 2008). A autora, ao estudar o fenômeno da referenciação, dedicou-se, também, a compreender o processamento sócio-cognitivo como conjunto de recursos publicamente manifestados pelos locutores, tais como práticas gestuais, movimentos no espaço, orientação do olhar, etc. Esses recursos, chamados de multimodais, são mobilizados para realizar propriedades referenciais. Seu estudo parte da posição de que a maneira pela qual categorizamos o mundo e o dizemos no discurso é resultado de um trabalho complexo que envolve percepção, negociação e várias outras estratégias interacionais.

A “sensório-motricidade” do corpo no mundo da vida

Analisaremos mais detidamente a questão da percepção dos mecanismos sensórios e motores, focalizando o que é chamado de “sensível” – isto é, o que é dado à percepção –, procurando mostrar que a reflexão sobre o corpo exige, de algum modo, um posicionamento em face do problema filosófico mais amplo da relação mente-corpo. Isso se torna visível quando pressupomos a imbricação entre sistemas de níveis de complexidade diferentes. Não reduzimos o corpo apenas à praxia e/ou a execução de movimentos ao tratar da gestualidade, nem à execução de processos mentais ou da mente separada de um corpo inserido no mundo sócio-histórico.

Segundo Merleau-Ponty (1971), os atos motores e o mundo sensível são partes totais do mesmo **Ser**. Essa superposição de dois mapas, um dos projetos motores e outro do mundo, é necessária para não concebermos a visão como uma operação do pensamento, fundamentada numa representação do mundo dada *a priori*. A visão mantém as coisas à sua volta, constituindo-se num prolongamento incrustado no corpo. Por sua vez, a interioridade pressuposta pelas teorias tradicionais não é precedida por nenhum arranjo material:

A animação do corpo não é a reunião, uma contra a outra, de suas partes – nem, aliás, a descida no autômato, de um espírito vindo de outro lugar, o que ainda suporia que o próprio corpo é sem interior e sem ‘si’. Um corpo humano aí está quando, entre vidente e visível, entre tateante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão, faz-se uma espécie de [re]cruzamento, quando se acende a centelha do senciente-sensível, quando esse fogo que não mais cessará de arder pega, até que tal acidente do corpo desfaça aquilo que nenhum acidente teria bastado para fazer... (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 38).

Dessa forma, meu corpo pode incorporar segmentos extraídos de outros corpos. O “dizer”, a interação e o compartilhamento de cultura e conhecimentos pelas diversas linguagens (inclusive a língua), tomam um sentido a partir do corpo como entrecruzamento de uma inscrição histórico-cultural, que pode ser dada pelo corpo de cada um, como pela particularidade da situação, com uma experiência atual sempre ocorrida no presente. O corpo ontogenético e o corpo sócio-histórico se entrecruzam em uma corporeidade una. Nessa unidade ontológica, o histórico-cultural é requisitado na mesma intensidade que o biológico-cognitivo, e a linguagem é, antes de tudo, ação orientada no mundo por intersubjetividades corpóreas (cf. Vezali, 2005).

O que estamos assumindo aqui é uma concepção de mente corporificada, na qual a cognição pode emergir em nossas ações e em nossas capacidades sensório-motoras como um todo. Esse ponto concebe o corpo e a mente como uma unidade que só é separada ou discretizada por razões analíticas, didáticas (cf. Koch e Cunha-Lima, 2004). A linguagem, nesse quadro explicativo, aparece como centro regulador do corpo inserido no mundo. Em outras palavras, a linguagem é o espaço e o meio pelo qual a ação desenvolve-se, necessariamente, em coordenação com os outros interactantes. Assim:

Se considerarmos que a relação do homem com o mundo não se dá diretamente e deve ser de alguma forma mediada, isto é, interpretada, caberia, então, à linguagem este papel mediador. Entretanto, como a linguagem é configurada não apenas pelo sistema linguístico como também pelo conjunto de condições que o constituem e mobilizam, devemos pensar em diversos fatores que estão em jogo na mediação da língua com o exterior discursivo (como as propriedades biológicas e psíquicas de que somos dotados, as experiências socioculturais, os aspectos ideológicos que orientam nossa ação no mundo, os diferentes contextos linguístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas, as regras de ordem pragmática que presidem a utilização da linguagem, a qualidade das interações humanas, etc.). (MORATO, 1997, p. 26).

Os postulados acima, resumidos por Morato (1997), também mostram que tudo isso implica uma mudança significativa na maneira de conceber as relações entre língua e mundo (“exterior discursivo”). Seria muito complicado entender os “conteúdos cognitivos ou domínios de pensamento fora da linguagem, ou possibilidade de linguagem fora de processos interativos humanos” (p. 26), uma tese vygotskyana clássica. Com isso, não podemos considerar a corporeidade como um mecanismo fechado sobre si mesmo, ou supor que uma alma agiria de fora, como um motor. Concebemos que o corpo não é um objeto, está conosco e não diante de nós, pode tocar-se tocando, dessa maneira, sendo estrutura pela qual há objetos. O esquema corporal é o nosso corpo que habitamos. Dois corpos, o “eu-outrem”, encontram-se num mesmo corpo fenomenal.

A fala, por seu turno, é integralmente motricidade e cognição. Para atestar sua inerência ao corpo, podemos dizer que as afecções da linguagem não são reduzidas à unidade nem que dizem respeito somente ao corpo da palavra, à fisionomia ou ao sentido imediato. É impossível encontrar, em se tratando de processos linguísticos e cognitivos, algo que seja puramente motor. A análise da fala e da expressão faz-nos reconhecer que a natureza do corpo-próprio é complexa. Não sendo reunião de partículas, nem muito menos entrelaçamento de processos, secreta em si mesma um “sentido” que não pode ser descrito por relações causais.

A distinção entre o corpo material, a alma no interior dele e o meio externo como estímulo, da ontologia clássica, teve como efeito desviar os cientistas do foco do problema. Admitia-se que a percepção era uma ressonância na consciência de uma excitação sensorial; assim, na falta de um estímulo verdadeiro, a alucinação não passava de uma auto-excitação do cérebro (alucinação como percepção fraca):

De outro lado, nessa concepção, o conhecimento de uma língua limitar-se-ia a dispor de certo número de engramas traçados no cérebro; a consciência evocaria a imagem da palavra, e esta, por um processo inverso ao que se supunha na percepção, desencadearia o influxo nervoso que no nível do centro motor daria origem ao ato motor, isto é, à fala. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 63).

Trata-se, portanto, de compreender a relação entre a sensório-motricidade e o sensível, observando como a fala própria é apreendida como vinda de outrem. Com isso, somos encaminhados a compreender os movimentos intersubjetivos de nossa cognição:

Assim eu e outro não somos duas substâncias distintas uma da outra. O outro é quem lhe (*sic*) libera de minha própria ambivalência: somos, ele e eu, duas variáveis de um mesmo sistema. Por um mecanismo de projeção eu lhe atribuo qualidades que na realidade são minhas e, inversamente, por introjeção, considero como

próprias, qualidades que são suas. (MERLEAU- PONTY, 1990, p. 65).

O problema mente-corpo como entidades separadas ou dicotômicas perdura até hoje, sobretudo depois do surgimento das chamadas “Ciências Cognitivas”, que partem da junção de várias disciplinas tendo como pergunta a natureza da cognição humana. Segundo Oliveira (1999), o cognitivismo clássico assume uma interpretação do homem segundo modelos epistemológicos das ciências naturais para explicar a cognição, o conhecimento, servindo-se, dentre outros expedientes, da metáfora do computador.

Relações entre fala e gesto

Existem várias concepções sobre a relação entre gesto e fala que são divergentes entre si. Por exemplo, os falantes produzem gestos espontaneamente e a gestualidade desempenha um papel funcional no processo de produção da fala, além de ser tipicamente utilizada para indicar ou representar objetos e ideias (McNeill, 1992). Tomasello (2008) propõe duas categorias para a diferenciação gestual, relacionadas à interação e à atenção compartilhada: os gestos indiciais (*pointings*) são utilizados para direcionar a atenção do outro, e os gestos icônicos (*pantomima*) são utilizados para direcionar a imaginação dos outros.

A Hipótese de Acesso Lexical (*Lexical Retrieval Hypothesis*) considera que os gestos facilitam o acesso de itens lexicais (cf. Tellier, 2009). Assim, eles estariam envolvidos na geração da superfície linguística (sentenças e enunciados). Então, novamente, é muito menos uma questão de que a fala e os gestos surgem a partir de uma base comum de significação e são, portanto, regidos por uma estrutura psicológica comum, do que uma questão estrutural linear.

Por sua vez, a *Informational Packaging Hypothesis* (IPH) é baseada nas considerações de McNeill (1992) a respeito das relações entre gesto, linguagem e pensamento, e sustenta a ideia de que a gestualidade estaria relacionada com o planejamento conceitual de uma mensagem a ser verbalizada. Alguns desdobramentos: a - os gestos desempenham um papel importante na constituição do pensamento e da linguagem; b - os gestos têm um papel facilitador nos processos cognitivos.

O ato espontâneo significativo (semiológico) de mover as mãos, os braços e a cabeça durante a comunicação é entendido como gesto. Para McNeill (1992), os gestos são essenciais na comunicação e inseparáveis da mensagem verbal; o autor considera a gestualidade como um sistema de coordenadas. Nesse sistema único, a linguagem e o gesto são expressos por meios verbais e espaciais, respectivamente. O gesto é produzido em paralelo e assume o planejamento da produção da

linguagem.

McNeill (1992, p. 37), ao referenciar o trabalho de Adam Kendon, propõe o *Kendon's continuum*:

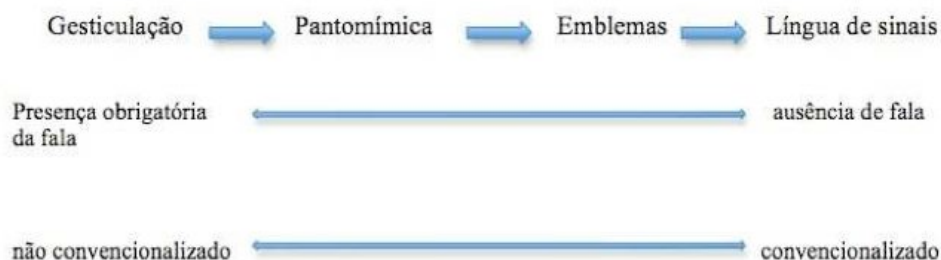


Figura 1: *Kendon's continuum*

A gesticulação constitui-se pelo movimento idiossincrático e espontâneo das mãos e dos braços, o que podemos chamar de “discurso de acompanhamento” ou “gestos-discurso”. A pantomima é usada para definir uma ação, um objeto do mundo ou uma profissão, como, por exemplo: o uso do dedo indicador imitando a ação de cortar para referir o próprio objeto – a faca, a ação em si ou em algum uso metafórico. Os emblemas são gestos convencionalizados pelo uso em uma cultura, comunidade ou grupo social. Por exemplo: o gesto de girar o dedo indicador ao lado da orelha significa “loucura” no Brasil, mas na Argentina é usado para indicar que se fará uma ligação telefônica e na França para indicar “pense”; eles são associados, geralmente, a uma expressão verbal fixa, mas podem ser utilizados sem a fala; são aprendidos conjuntamente com a primeira língua. As línguas de sinais são sistemas linguísticos (possuem segmentação, composicionalidade, léxico, sintaxe, traços distintivos etc.). Esses tipos gestuais são organizados em um contínuo em relação à sua ligação à fala, indo da gesticulação (presença obrigatória da fala) até a linguagem de sinais (ausência da fala) relação.

McNeill (1992, p. 11) propõe duas formas de expressão apenas: fala e ação. A primeira é representada pelo material linguístico e a segunda pelo material gestual, aliado a outros recursos multimodais, como a postura corporal, o conhecimento partilhado, o conhecimento de mundo, o direcionamento do olhar, a prosódia, as expressões faciais em geral, o espaço, etc. Fala e gesto ocorrem em uma sincronia temporal muito fechada e podem apresentar sentidos idênticos.

Os gestos também exibem imagens que não podem ser expressas pela fala. Dessa maneira, gesto e fala cooperam mutuamente para expressar os sentidos pretendidos pelos sujeitos. O autor advoga a favor da concepção de que a linguagem e a gestualidade formam um sistema integrado singular. Contudo, salienta que esses gestos são diferentes daqueles construídos pelos movimentos

corporais; a noção de “linguagem corporal” é um sistema independente da língua propriamente dita. Assim, “uma concepção de linguagem e gesto como um sistema único integrado é totalmente diferente da noção de uma 'linguagem corporal' - um processo de comunicação utilizando sinais compostos por movimentos do corpo” (McNeill, 1992, p. 11).

O autor tenta responder à indagação acerca de como os pensamentos humanos são desvendados e apresentados pelos gestos. Propõe, então, que os movimentos espontâneos podem ser chamados de gestos, geralmente de braços e mãos, e são sincronizados com a dinâmica da fala. A proposta de McNeill (1992) é especificar como fala e gesto estão ligados e como eles são diferentes. Gestos são instantâneos, imagéticos e globais.

Os gestos tornam as memórias e os pensamentos dos sujeitos visíveis. Eles abrem a possibilidade de um novo caminho de entendimento dos processos mentais, da linguagem e da interação entre as pessoas. O citado autor, ao longo de sua argumentação, elabora a noção de *growth point*. Essa concepção ontológica salienta que os componentes da gestualidade e da língua em uso estão relacionados e unidos em uma “unidade psicológica” mínima, que é responsável por combinar, em sua totalidade sincrônica, as expressões imagéticas e linguísticas (cf. McNeill, 1992, p. 219-220).

Tipologia gestual

Os tipos gestuais foram elaborados em observância às configurações semânticas dos gestos que emergem em relações formais fechadas com os conteúdos semânticos da fala: “o gesto revela não apenas a imagem da memória do locutor, mas também do ponto de vista particular que ele tinha tomado em direção ao gesto”. (McNeill, 1992, p. 13).

Em seu sistema de transcrição, o gesto é descrito logo abaixo da elocução verbal, com pequenas marcações da dinâmica gestual. Sendo coexpressivos, gesto e fala são parcialmente sobrepostos. McNeill (1992, p. 13) apresenta o exemplo em que ambos, fala e gesto, se referem ao mesmo evento, mas apresentam diferentes aspectos dele. Portanto, gestos icônicos referem-se ao mesmo evento da fala e são complementares.

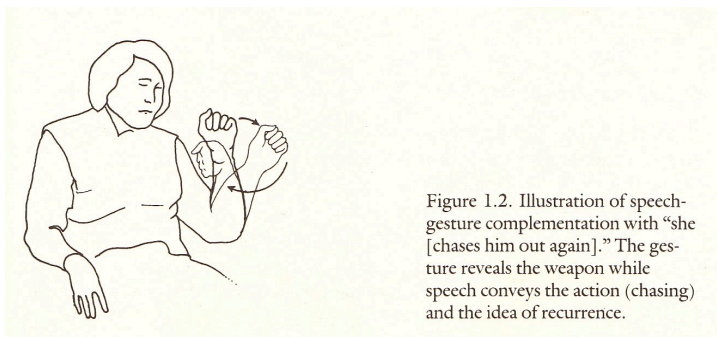


Figura 2: ilustração de McNeill (1992, p. 13) para gesto icônico de complemento ao enunciado verbal.

Nesse exemplo a produção verbal apresenta a ideia de perseguição e recorrência, enquanto que a gestualidade realizada (gesto icônico) apresenta a arma utilizada (um guarda-chuva). Fala e gesto se referem ao mesmo evento, mas apresentam alguns aspectos diferentes, além de serem parcialmente sobrepostos. O gesto, nesse caso, revela a apresentação da ação (“perseguição”) e a ideia de recorrência.

McNeill (1992, p. 14) apresenta um exemplo em que um gesto metafórico funciona como uma metáfora de condução. O gesto empregado emerge como uma instância de condução da metáfora – a ideia do gênero é apresentada como o suporte da “tirinha”, representada pelas mãos que ilustram o formato dela. O locutor constrói uma forma concreta de uma imagem de um objeto, a “tirinha”.

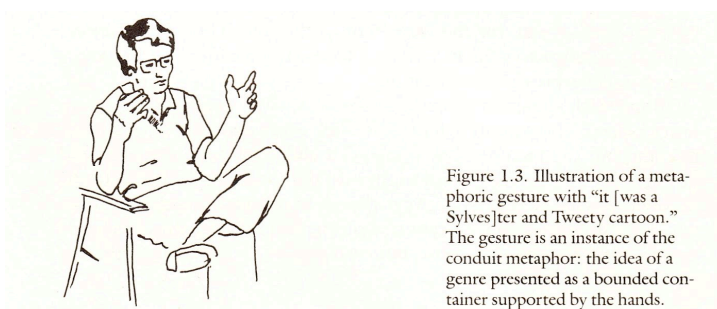


Figura 3: ilustração de McNeill (1992, p. 13) para gesto metafórico.

No exemplo acima, o enunciador emprega uma metáfora de conduta utilizando um gesto metafórico. Ele está se referindo ao gênero desenho animado, que é um conceito abstrato – constrói uma forma concreta de uma imagem de um objeto inserido em um espaço delimitado.

Percebemos, com o exemplo, que pelo menos em culturas ocidentais que possuem formações sócio-históricas até certo ponto semelhantes e imbricadas, a gesticulação pode funcionar como qualquer sistema linguístico, como podemos observar em casos extremos de ausência de fala nas línguas de sinais, que no caso do Brasil é a Libras.

Para além da metáfora de que os gestos conduziram e/ou acionariam

conteúdos linguísticos, os estudos sobre o gesto, nas últimas décadas, têm proposto tipologias que são apresentadas de acordo com as especificidades dessas pesquisas. Entre elas, a de McNeill (1992), que estudou sistematicamente a relação entre o pensamento e o gesto, tem mostrado que falantes produzem quatro tipos de gestos durante a conversação e quando narram histórias. Segundo o citado pesquisador, esses gestos desempenham um papel particular na narrativa relacionado a suas funções específicas. Em sua tipologia, McNeill (1992) distingue os seguintes tipos de gestos:

Gestos icônicos estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, por exemplo, quando uma pessoa demonstra um objeto físico usando as mãos para mostrar seu tamanho. Eles são úteis porque adicionam o detalhe à “imagem mental” que a pessoa está expressando. O sincronismo que ocorre entre esse tipo gestual e o discurso estabelece se eles são “inconscientes” ou estão sendo produzidos propositalmente para o efeito intencional de tal significação. Em um uso “inconsciente”, a preparação gestual começará antes das palavras serem proferidas. No uso intencional, há uma pequena retardação entre a fala e o gesto. Podemos classificar um gesto como icônico se ele incluir uma relação formal estrita com o conteúdo semântico proferido pela fala (cf. McNeill, 1992, p. 12-14).

Gestos metafóricos são parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, contudo, possuem a particularidade de referirem expressões abstratas. Eles estão alocados no espaço tridimensional e são usados para dar forma à ideia que está sendo explicada, com formas específicas como uma ondulação mais geral das mãos que simbolize a complexidade do que está sendo explicado. Em outras palavras, esses gestos assemelham-se aos icônicos porque também são pictóricos; no entanto, podem apresentar uma ideia abstrata, como um objeto concreto ou evento (uma imagem do invisível, de uma abstração) (cf. McNeill, 1992, p. 14-15).

Gestos dêiticos são os demonstrativos ou direcionais; geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu” e “você”. São movimentos de apontar, tipicamente realizados com os dedos, embora qualquer extensão de objetos (objetos manipulados) ou do corpo (cabeça, nariz, queixo) possa ser usada. Também são chamados, na literatura sobre o assunto, de *pointings*. Os gestos dêiticos, que acompanham as narrativas, apontam geralmente para as entidades concretas (cf. McNeill, 1992, p. 18-19). McNeill (1992, p. 18) apresenta um exemplo de gesto dêitico:

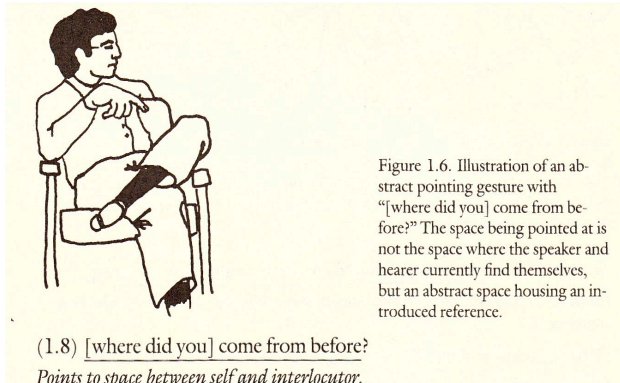


Figura 4: ilustração de McNeill (1992, p. 18) para gesto dêitico abstrato.

No exemplo acima, o gesto não aponta um lugar físico no espaço da enunciação, mas um conceito abstrato – “onde ele tem estado ultimamente”. McNeill (1992) assinala, também, que o *locus* físico desse apontamento fica em outra cidade. Mesmo que o *pointing* tenha a função de indicar objetos e eventos no mundo concreto, em alguns casos os gestos de apontar apresentam lugares abstratos ou que não estão presentes no momento da enunciação, como é o caso do exemplo apresentado acima. Dessa maneira, o autor propõe que os “gestos de apontar abstratos contêm uma imagem metafórica deles mesmos nas quais a ideia abstrata tem um *locus* físico” (McNEILL, 1992, p. 18).

Gestos ritmados (*beats*) são nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala (cf. McNeill, 1992, p. 15). Podem ser realizados com a batida rítmica de um dedo, da mão ou do braço. Aparecem ligados ao ritmo da fala conferindo uma estrutura temporal ao que é dito e enfatizando a força combativa do argumento, independentemente do conteúdo expressado, usados conjuntamente com o discurso. Marcam e mantêm seu ritmo, evidenciando determinadas palavras ou frases.

Segundo McNeill (1992, p. 19), os gestos não são inferiores à língua pelo fato de também apresentarem sentidos e expressividade. Contudo, mesmo que os gestos não apresentem menos sentidos que a língua, eles possuem modalizações fundamentalmente diferentes. A língua possui sentido segmentado e linearizado. Esses fenômenos, por sua vez, formam uma hierarquia característica de todos os sistemas linguísticos, incluindo as línguas de sinais (Libras, por exemplo). Essa característica de linearização e segmentação é justificada pelo fato de a língua ser unidimensional, enquanto que seus sentidos são multidimensionais. Os gestos são diferentes porque, mesmo que eles sejam multidimensionais por definição e apresentem sentidos complexos, não se submetem à segmentação e à linearização. O sentido dos gestos é sempre global e sintético, e nunca hierárquico.

Podemos observar que os sentidos dos gestos dependem dos sentidos das sentenças verbais. Segundo o autor, os gestos não são significados independentemente das palavras da língua. Assim, o sentido do gesto é global

porque a sentença gestual não é composta externamente ou separada da significação linguística; e sintético porque combina diferentes elementos de sentido (cf. McNeill, 1992, p. 20).

Algumas considerações

O que nos chama a atenção são três aspectos discursivamente interligados, e nos quais atuam de forma solidária, ainda que com distintas densidades modais (cf. Norris, 2006), fala e gesto: a progressão pragmático-enunciativa da interação desenvolvida pelos sujeitos, as ações reflexivas dos sujeitos sobre a produção de sentidos própria e alheia e as relações intersubjetivas convocadas no desenrolar da interação pelos interactantes. Esses aspectos salientam a presença constitutiva de um conjunto de semioses verbais e não verbais nas interações e na expressão como um todo – no corpo inserido no mundo, na cognição corpórea.

A dimensão multimodal da referenciação pode funcionar como organizadora da centração indicial interna ao discurso ou à interação. Por exemplo, os gestos dêiticos possuem modalizações semelhantes aos dêiticos verbais, apresentando, em vários casos, a mesma semântica – o mesmo sentido; podemos citar o emprego de *pointings* em substituição de pronomes pessoais como “eu” e “tu/você”, ou de demonstrativos como “aqui” e “lá”. Os gestos, segundo Kendon (2004), podem organizar-se em fases e frases gestuais, apresentando a mesma sequencialidade da estruturação propriamente linguística.

A multimodalidade, então, é requisitada para a constituição da centração indicial de dado contexto e/ou enunciado. Os dêiticos gestuais e verbais são responsáveis pelas incorporações de um campo demonstrativo em certo contexto, apontando o referente ao mesmo tempo em que assinalam as perspectivas dos interactantes.

Assim, a indicialidade de certo enquadre comunicativo ou da interação dependerá de outros recursos multimodais acionados pela prática social em questão, como o enquadre comunicativo, os *frames* conceptuais e os contextos situacionais em que os gestos irão emergir.

Dessa maneira, propomos uma divisão tripartida da conjugação entre fala e gesto: i - de procedência, o gesto direciona a interpretação antes do material verbal ou ocorre isoladamente; ii - de constitutividade, o gesto veicula o mesmo sentido e ocorre sincronicamente com a fala; iii - de complemento, o gesto restringe ou complementa o sentido de um item verbal.

Acerca dos elementos não verbais utilizados na interação face a face, propomos que não concebamos, de forma distinta ou excludente, a gestualidade como fenômeno coocorrente, alternativo ou compensatório à fala. Essa hipótese não se sustenta, pelo fato de que o gesto não é isolado ou separado da linguagem e suas funções, nem é desprovido de realidade semiológica. Por exemplo, os dêiticos



gestuais participam da construção do sentido referencial (referenciação dêitica) de maneira específica, não redutível à significação linguística.

Os recursos não verbais (semiológicos, gestuais e corporais) são fundamentais para a articulação dos processos linguísticos e não linguísticos. Gestualidade e praxia, atuam mutuamente com os processos linguísticos na construção do sentido, na manutenção do tópico discursivo, na tomada de turno, na emergência de processos mentais e/ou cognitivos. Tais aspectos assinalam a importância dos elementos não verbais para as interações e para a compreensão da significação nos diversos contextos interativos.

BIBLIOGRAFIA

BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas (SP): Papyrus, 2003. 240p.

GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. **Journal of Pragmatics**, 32. Elsevier: 2000a. p. 1.489-1.522

_____. The body in action. In: COUPLAND, J.; GWYN, R. (Eds.) **Discourse, the body and identity**. New York: Palgrave; Macmillan, 2003a. p. 19-42.

_____. Pointing as situated practice. In. KITA, S.; MAHWAH, N. J.; ERLBAUM, L. (Eds.) **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet**. 2003c. Disponível em: <<http://www.sscnet.ucla.edu/clic/cgoodwin/publish.htm>> Acesso em 10 out. 2006.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008. 278 p.

KENDON, A. **Gesture**: visible action as utterance. Cambridge; New York: Cambridge Univ. Press, 2004. 400 p.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sócio-cognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 170p.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.



_____. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Merleau-Ponty na Sorbonne:** resumo de cursos – Filosofia e Linguagem. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A natureza.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

McNEILL, D. **Hand and mind:** what gestures reveal about thought. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 416p.

_____. (Ed.) **Language and gesture.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31

_____. **Participant's online analysis and multimodal practices:** projecting the end of the turn and the closing of the sequence. 2006. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/1/117>> Acesso em: 28 de abr. 2009.

_____. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a língua(gem).** São Paulo: Parábola, 2008. p. 67-90

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição:** as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus, 1997.

MORATO, E. M.; KOCH, I. V. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a linguística e as ciências cognitivas. In: BENTES, A. C.; LIMA, M. L. C. **Cadernos de estudos linguísticos,** Campinas: IEL/Unicamp, v. 44, p. 85-91, 2003.

NORRIS, S. **Multiparty interaction:** a multimodal perspective on relevance. *Discourse Studies*, vol. 8, n. 3, p. 401-421. Londres: SAGE, 2006. Disponível em: HYPERLINK "<http://dis.sagepub.com/>" Acesso em: 27 abr. 2009.

OLIVEIRA, M. B. **Da ciência cognitiva à dialética.** São Paulo: Discurso Editorial,



1999.

RUTHROF, H. **The body in language**. London and New York: Cassell, 2000.

TELLIER, M. The development of gesture. In. BOT, K. De; SCHRAUF, R. W. **Language development over the lifespan**. New York: Routledge, 2009. p. 191-216

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Origins of human communication**. Boston (Mass.): MIT Press, 2008.

VEZALI, P. A. **Linguagem e corpo em Merleau-Ponty**: reflexões sobre os processos de referência. 2005. 127f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

_____. Linguagem, corpo e afasia. In. MORATO, E. M. (Org.) **A semiologia das afasias** – perspectivas linguísticas. São Paulo: Cortez, 2010. p. 243-277